

Suplemento Cultural

Encontro de Pe. João Crippa com Dom Bosco

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO
– PRESIDENTE DA ASL

O vigário e construtor da Matriz São José em Campo Grande, JOÃO CRIPPA, nasceu no dia 10 de outubro de 1861, na cidadezinha de Asso, cercanias de Milão, famosa e histórica cidade da Itália, situada na Lombardia, região do norte do país, que se estende entre os Alpes e o Rio Pó. Com uma população estimada em quase cinco milhões de habitantes, Milão soube aproveitar a sua ótima situação geográfica para desenvolver-se rapidamente, transformando-se na segunda cidade em população e no centro comercial, industrial e financeiro mais ativo de toda a Itália.

Os pais do garoto João Crippa, católicos fervorosos, preocupados com o futuro religioso do filho, saíam de Asso, aos domingos, e, arduamente, assistiam à celebração da missa em Milão, na suntuosa Basílica de Santo Ambrósio, construída no ano de 387 d.C.

“

Atendendo ao convite de D. Bosco, esperançoso, João Crippa (...), em frequentes contatos com o fundador da Congregação dos Salesianos (...), reforçou a sua vocação orientada para os sacrifícios e os heroísmos da vida missionária”



FOTO: VALREISS-INTERNET

Paróquia São José, em Campo Grande-MS, construída na gestão de Pe. João Crippa

Outras vezes, visitavam a Catedral de Milão, majestoso monumento gótico, edificado em mármore branco, com cinco naves e ricas esculturas, sobressaindo de forma primorosa as imagens dos santos da igreja.

No dia 25 de outubro de 1885, 24 anos completos, João Crippa, numa decisão a tanto esperada pelos pais, matriculou-se como aspirante à vida salesiana, no Colégio São João Evan-

gelista de Turim. O novo, no pouco tempo que passou no lugar, admirador das artes e do belo desenvolvido pelo cristianismo, encantava-se com o notável edifício da Catedral de Turim, a Basílica de Superga (com capela funerária da casa de Saboia), em estilo renascentista, edificada no século XV.

Turim, a quarta maior cidade da Itália, situa-se numa planície fértil, às margens do Rio Pó, no noroeste do país, na região do Piemonte, de aspecto moderno e importante centro cultural. Foi em Turim que João Bosco – o notável Dom Bosco – fundou, em 1886, a Congregação dos Salesianos, entidade religiosa que tem por fim recolher as crianças pobres e abandonadas, congregá-las em Oratórios Festivos, dando-lhes instrução re-

ligiosa, escolar e formação profissional.

Atendendo ao convite de D. Bosco, esperançoso, João Crippa seguiu para a cidade de São Benigno, onde, em frequentes contatos com o fundador da Congregação dos Salesianos (do qual se recordava sempre com lágrimas nos olhos), reforçou a sua vocação orientada para os sacrifícios e os heroísmos da vida missionária.

Vindo para nosso país, integrando a missão salesiana já na região hoje chamada Mato Grosso do Sul, o Pe. João Crippa administrou a Paróquia de Miranda, por dois anos, a partir de 1930.

Estabelecendo-se depois em Campo Grande, adquiriu dois terrenos, fundou e esteve à frente da construção da Paróquia São José, situada na esquina das ruas Dom Aquino e Pedro Celestino. E tanto fez e acrescentou à vida social e religiosa da cidade adotada para sua missão, que hoje seu nome está eternizado numa de nossas vias mais conhecidas – a Rua Padre João Crippa.

A DONA DE CASA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Conta-se que um anacoreta, que vivia em penitência no deserto, certo dia, achou de interrogar a Deus, querendo saber quem era a pessoa mais santa daquela região, uma vez que ele próprio se tinha por muito santo, já que abandonara tudo, a sua existência era contínuo jejum, abstinência e oração.

O Senhor estranhou o pedido de seu servo, mas resolveu satisfazer-lhe a vaidosa curiosidade.

Então, estando o monge em profunda concentração, o Senhor lhe falou:

Vai, posta-te à entrada da cidade, antes do nascer do sol, a primeira pessoa que vires entrando pelo pórtico, essa será a mais santa aos meus olhos.

O ermitão foi. A madrugada já se desfazia no amanhecer, e ele, concentrado e curioso, observava.

Eis que se aproxima alguém, era uma mulher humilde, vestida com simplicidade, tendo um véu à cabeça e as mãos calosas.

O eremita a intercepta e interpela:

Quem és tu? O que fazes?

Sou uma dona de casa, responde a mulher.

Talvez, o ofício mais antigo da humanidade, a dona de casa é aquela que lava, passa, cozinha, cria e cuida dos filhos, serve ao marido, administra uma casa e uma família.

Tudo em silêncio, tão anônimo que, para a sociedade, parece natural e sem muita importância nas estatís-

ticas e nos demais registros sociais.

Nos cadastros e outros apontamentos necessários, por ser comum, vão colocando: “dona de casa”, pois não é advogada, nem médica, nem professora etc.

Mas esse caráter, aparentemente sem importância, é que a torna digna e necessaríssima para o mundo.

A dona de casa é realmente a base, o alicerce máximo da família, a “célula mater” da sociedade, ela resume tudo ou quase tudo, porque a dona de casa é a educadora dos filhos, a contadora do lar, que faz milagre de subsistência com um salário, a médica e enfermeira nas enfermidades familiares, a advogada na defesa do direito dos seus.

E, quando ainda trabalha fora, aí, torna-se uma heroína, acumulando

tarefas diferentes e inadiáveis. Ela não tem “stress”, ainda mais se for pobre!

Muitas vezes, o marido e até os filhos não reconhecem o seu labor, a sua dedicação, sem imaginarem que ela possa estar sofrendo, precisando de carinho, compreensão, amor, porque julgam que aquela é a sua vocação, o seu destino, e fica por isso!

Nos braços dela, entretanto, que eles choram as mágoas, as suas decepções.

É junto dela que encontram perdão para as suas fraquezas e afeição para os momentos de solidão.

Com ela, adquirem ânimo e coragem para enfrentarem as lutas diárias e a desumanidade-padrão dos nossos meios sociais.

Quando ela se vai, às vezes, consumida pelos sacrifícios, um vácuo enorme, do tamanho do mundo, toma conta da casa e do coração dos familiares!

Felizmente, o mundo moderno está mudando para melhor, e a dona de casa começa a despontar como um valor. Até direitos previdenciários já estão sendo reconhecidos!

Acho que foi por essa porta de dona de casa que Maria, Mãe de Jesus, entrou para a História.

Esta é uma homenagem que presto a minha irmã Maria de Lourdes Aguiar e Silva, prestimosa dona de casa, prematuramente desaparecida, em um Dia dos Pais, em Campo Grande.

De tintas e cores

LUCILENE MACHADO

Estou pintando a casa e isso não é ficção. Pinte as paredes principais de um branco fosco para lembrar que a vida necessita ser recriada todos os dias, mesmo com a ausência das cores. Pinte uma parede, pequenina, de vermelho. Um atrevimento, eu que sou tão contida... Talvez para lembrar que a paixão é sempre o ponto de partida para qualquer recomeço.

Enquanto os pincéis sobem, descem, atravessam corredores vazios, vou me medindo nas paredes frias. Se eu fosse artista plástica, ia me pintar em cores, feito Frida Kahlo. Mas sou apenas uma mulher que observa os pincéis rasparem as costas nas paredes e apagar aquilo que o pano molhado não conseguiu. Há manchas que precisam ser encobertas, esmaltadas sob várias camadas, como os sentimentos que esmagamos nas paredes do espaço-tempo.

O pintor vê as marcas, enquanto penso em coisas pelos ângulos adjacentes do nada. Talvez eu, escritora, aproveite a pintura para refletir a vida. Ainda não sei co-

mo, a vida é porosa em sua acomodação, dá muitas voltas, e o branco não suporta tanto desamparo. A vida precisa de azuis, de amarelos, de rosas, de cores encarnadas, disformes, desbotadas... Precisa de tardes verdes estiradas sobre o dorso do horizonte, suando suas tinturas sobre o mar sargaços.

Aqui em casa, só preciso desse branco líquido e do vermelho despencando na sala sobre o vazio de Deus. Todos os vazios são de Deus. Deus mora nesse vazio seco que reside em mim. Às vezes, como hoje, água nenhuma amortece. Fabrico sombras externas para disfarçar o deserto de dentro. O que me refrigera é a arte. A arte é esse luxo que está perdendo o glamour. Tudo que eu quero mostrar com ela é silêncio. Não sofro o bombardeio das horas em trânsito. Só estremeço diante da palavra anunciada. A palavra me penetra, me corrói. Não sei me defender dela, nem sequer da minha. Daí o meu refúgio nos textos brancos, nas entrelinhas, no que está detrás do que está atrás do pensamento. O que só pode ser Deus. Hoje, eu queria Deus delicadamente para mim. Pretensão? Deus ama os pecadores. Até se pronunciou a um pecador apaixonado feito eu: “Hoje, me convém pousar em sua ca-

sa”. Daí as paredes brancas, daí a carne branda da escrita, porque Deus sempre se compadeceu das minorias.

O cheiro da tinta envenenou-me de poesia. Minhas pálpebras lilases fecham noites cheias de estrelas castanhas. Imagino-me na paisagem volátil. Eu, com meu coração do tamanho do mundo, ora sendo si mesmo, ora se desconhecendo. Meu coração é menos puro que essas paredes brancas. Meu coração é febril, inquieto, segredos percorrem a aorta dilatada... e, se a saudade me alcança, quase morro nesse sofá gris.

O amor fracassado é a coisa mais horrível do mundo. Não sei o que é que faz fechar suas portas, tampouco sei o que o faz irromper. Mas sua natureza atrevida afunda os incautos na esperança lamacenta de seus desígnios. O amor sempre me pareceu um cansaço que não me permite tirar os sapatos. O amor me colocou no ventre da baleia, me vomitou num deserto e ainda acaba me pregando na cruz. Mas não desisto, embora não saiba nunca o que fazer com ele. É muito mais fácil lidar com os espaços vazios, pintar as paredes de branco e exercitar a arte abstrata de arrancar cores do sol em dias parados e lentos, como hoje.

POESIAS

MOMENTO IRRACIONAL

*A eleição povos divide
Com ódio, amor e paixão,
Sob o efeito da emoção,
Causando ofensa e revide!
Pois política reside
No poder, fama e ciúme,
Quando ao fedor e ao perfume
A mesma flor se declara:
– O interesse que separa
É aquele mesmo que une.*

*Após disputa agressora,
Volta a paz alvissareira:
Rival vira companheira
Da ala que foi vencedora;
E a tática fingidora*

*Nenhum dos lados assume,
Pois sabem que o povo pune
Quando o poder se mascara...
O interesse que separa
É aquele mesmo que une.*

*Infelizmente a eleição
É um momento doentio
Em que o grande desafio
É derrotar a emoção...
Mas, persistindo a paixão
Que à disputa se resume,
Do mal não se fica imune
E como doença se encara...
O interesse que separa
É aquele mesmo que une.*

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

MÁFIAS DA VERGONHA

*Perdão, “ó pátria amada idolatrada”,
Por tanta falcaturia e roubalheira...
De pejo sinto a alma amortilhada
Pelas máfias que rasgam tua
bandeira!*

*Por que, “mãe gentil”, tantos valem nada,
Se a todos serves com igual maneira?...
Como dói-me a ti ver nesta enrascada,
Num poço já sem fundo e sem clareira!*

*Que dilema escolher-te um governante
Em meio a tanto camaleão farsante...
Ouve, do mau político, o que acho:*

*Ingerido qual falso prato fino,
Causa dor e transtorno no intestino,
E é, de fato, o que vai sair embaixo!*

GERALDO RAMON PEREIRA

Campo Grande dos anos quarenta

*Havia jardins, havia
manhãs naquele tempo!*
Drummond

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Foi numa manhã de inverno rigoroso que minha infância desembarcou em Campo Grande. Vejo-me pequenina, num tempo em que nada era proibido. Caminhar despreocupada pelas ruas, seguir na 14 de Julho o movimento das carroças, acompanhar o ritmo dos cavaleiros, que seguiam a galope, orgulhosos de sua indumentária, andar

de bicicleta, tomar sorvete no jardim, como era chamada a Praça Ary Coelho, eram os grandes passatempos de uma menina que ia à escola sozinha, ou para quem o maior prazer eram a leitura e o cinema, porque lhe proporcionavam os roteiros da vida imaginária, que adorava construir.

O contato com diferentes sotaques, a visita às lojas perto da de meu pai, onde pessoas de hábitos diferentes dos meus cercavam-me de especial carinho, fizeram-me gostar dessa gente, vinda de mágicos e distantes lugares, do outro lado do mundo, para fazer da “Cidade

Morena” o ponto em que decidiram traçar os esquemas da existência.

Antigamente, era doce viver. O tempo passava mais devagar ou hoje corremos mais do que antes?

Destaco como espaços simbólicos daqueles anos o Rádio Clube e seus inesquecíveis carnavais, e os cines Alhambra e Santa Helena, onde fantasia e realidade, arte e sonho, confundiam-se. Hoje, as recordações daqueles filmes em preto e branco, os encontros amorosos, que provocavam, ainda permanecem nas almas dos que tiveram o cotidiano transformado em momentos de poesia.